



ALBERTO CAEIRO

**29. VERDADE**

*A verdade nega-se a si mesma, como uma doença do pensamento.*

António Dacosta.  
«O sonho de  
Fernando Pessoa  
debaixo de uma  
latada numa tarde  
de Verão». Pintura.  
1982/3



«Estas verdades não são perfeitas porque são ditas, e antes de ditas, pensadas.»

No dia brancamente nublado entristeço quase a medo  
E ponho-me a meditar nos problemas que finjo. . .

Se o homem fosse, como deveria ser,  
Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais,  
Animal directo e não indirecto,  
Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido às coisas,  
Outra e verdadeira.  
Devia haver adquirido um *sentido* do «conjunto»;  
Um sentido, como ver e ouvir, do «total» das coisas  
E não, como temos, um *pensamento* do «conjunto»;  
E não, como temos, uma *ideia* do «total» das coisas.  
E assim — veríamos — não teríamos noção de *conjunto* ou de *total*,  
Porque o *sentido* de «total» ou de «conjunto» não seria de um «total» ou de um  
«conjunto»  
Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem partes.

O único mistério do Universo é o mais e não o menos.  
Percebemos demais as coisas — eis o erro e a dúvida.  
O que existe transcende para baixo o que julgamos que existe.  
A Realidade é apenas real e não pensada.

O Universo não é uma ideia minha.  
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.  
A noite não anoitece pelos meus olhos.  
A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.  
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos  
A noite anoitece concretamente  
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.

Assim como falham as palavras quando queremos exprimir qualquer pensamento,  
Assim falham os pensamentos quando queremos pensar qualquer realidade.  
Mas, como a essência do pensamento não é ser dita, mas ser pensada,  
Assim é a essência da realidade o existir, não o ser pensada.  
Assim tudo o que existe, simplesmente existe.  
O resto é uma espécie de sono que temos,  
Uma velhice que nos acompanha desde a infância da doença.

O espelho reflecte certo; não erra porque não pensa.  
Pensar é essencialmente errar.  
Errar é essencialmente estar cego e surdo.

Estas verdades não são perfeitas porque são ditas,  
E antes de ditas, pensadas:  
Mas no fundo o que está certo é elas negarem-se a si próprias  
Na negação oposta de afirmarem qualquer coisa.  
A única afirmação é ser.  
E ser o oposto é o que não queria de mim. . .

1-10-1917

“Poemas Inconjuntos”. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994: 135.